

NARRATIVAS NO ESPELHO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECEPÇÃO DE *O OLHO MAIS AZUL*, DE TONI MORRISON, E *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Luciana de Mesquita Silva
Marcela Iochem Valente

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as imagens culturais criadas a partir da tradução literária. Para tanto, serão abordados os romances *The Bluest Eye* (1970), da escritora estadunidense Toni Morrison, lançado no Brasil com o título *O olho mais azul* em 2003, e *Ponciá Vicêncio* (2003), da autora brasileira Conceição Evaristo, publicado nos Estados Unidos em 2007 como *Ponciá Vivencio*. Além disso, pretende-se investigar as posições ocupadas pelas respectivas escritoras e suas obras nos polissistemas literários de origem e de recepção, considerando-se os pensamentos de teóricos como Even-Zohar (1997), Lefevere (1990) e Venuti (2002).

Palavras-chave: Estudos Descritivos da Tradução. Toni Morrison. Conceição Evaristo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the cultural images created from literary translation. Bearing this in mind, it will focus on the novels *The Bluest Eye* (1970), by the American female writer Toni Morrison, released in Brazil under the title *O olho mais azul* in 2003, and *Ponciá Vicêncio* (2003), by the Brazilian female writer Conceição Evaristo, published in the United States in 2007 as *Ponciá Vivencio*. Moreover, it intends to investigate the positions held by the respective writers and their works in the source and target literary polysystems, taking into consideration the thoughts of theorists such as Even-Zohar (1997), Lefevere (1990) and Venuti (2002).

Keywords: Descriptive Translation Studies. Toni Morrison. Conceição Evaristo.

A teoria dos polissistemas, desenvolvida por Itamar Even-Zohar na década de 1970, traz à luz a cultura como um grande polissistema estruturado por sistemas variados que se relacionam entre si e são organizados hierarquicamente. No que diz respeito à literatura traduzida, ela é concebida pelo autor “não só como um sistema que integra qualquer polissistema literário, mas como um dos seus sistemas mais ativos” (EVEN ZOHAR, 1997, p. 46)⁵⁰. Dessa forma, a literatura traduzida, fazendo parte do polissistema literário e este, por sua vez, inserido no polissistema cultural, passa a ser vista como um fenômeno social que integra as atividades humanas.

De acordo com Even-Zohar, levando-se em consideração as configurações existentes na literatura-meta em determinado momento histórico, a literatura traduzida pode ocupar o centro ou a periferia e abranger repertórios conservadores ou inovadores. Ao sustentar uma posição central, a literatura traduzida auxilia na composição do centro do polissistema, atuando como força inovadora e abrindo espaço para a criação de novos repertórios, modelos, linguagens e estilos na literatura-meta a partir do texto-fonte. Por outro lado, a literatura traduzida está situada na periferia de um polissistema literário quando geralmente é caracterizada pelo conservadorismo e se compõe de modelos secundários, ou seja, aqueles que não exercem grande influência no polo receptor e são delineados segundo as normas previamente estabelecidas pelo referido contexto. Nessa circunstância, a tradução se torna um meio de preservação do gosto tradicional, comportando-se como um sistema petrificado e desfavorável a mudanças de grande porte.

Com base no modelo polissistêmico, os Estudos Descritivos da Tradução foram trazidos a público nos anos de 1970 por estudiosos como Gideon Toury, Theo Hermans, André Lefevere e José Lambert e têm como base a inserção da tradução num dado ambiente sociocultural. Entre seus pressupostos estão a visão da literatura como um sistema dinâmico e complexo, a tradução literária observada por um viés

⁵⁰ Texto original: “not only as an integral system within any literary polystem, but as a most active system within it”.

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 111

descritivo e voltada para o polo receptor e o interesse nas normas e coerções que governam a produção e a recepção da tradução. Além disso, a função da literatura traduzida tanto em um determinado polissistema literário, quanto na sua interação com outras literaturas está diretamente relacionada à forma do produto final.

Segundo Lefevere, a posição de uma tradução no contexto receptor está vinculada a questões de poder, isto é, a mecanismos de controle internos ou externos que atuam no sistema literário. Os mecanismos de controle internos são representados por reescretores – tradutores, críticos, professores de literatura e revisores – os quais podem manipular as obras literárias de acordo com a poética e a ideologia dominantes em determinada cultura, em certo momento histórico. Em contrapartida, os mecanismos de controle externos estão ligados à patronagem – indivíduos ou instituições com autoridade para auxiliar ou refutar a produção, a leitura e a reescrita da literatura. Diante desse cenário, nas palavras de Lefevere, “a tradução é uma das formas mais óbvias de construção de imagem, de manipulação que nós temos” (LEFEVERE, 1990, p. 26)⁵¹.

As ideias de Even-Zohar, Toury e Lefevere acerca das complexidades envolvidas na atividade tradutória são complementadas pela proposta de Lawrence Venuti a respeito da geração e manipulação de imagens culturais que podem ocorrer por meio da tradução. No capítulo “A formação de identidades culturais”, em seu livro *Escândalos da Tradução* (2002), Venuti argumenta que a tradução é uma prática cultural que pode levar à formação de identidades culturais, devendo, portanto, respeitar uma ética da diferença (VENUTI, 2002, p. 157). Segundo o autor, a tradução é, muitas vezes, vista como suspeita por domesticar textos estrangeiros, inserindo neles valores linguísticos e culturais de comunidades domésticas específicas. Desde a escolha do texto a ser traduzido, sua produção, circulação até a recepção da tradução, há seleções sendo feitas. Essas seleções podem ser responsáveis por estabelecer cânones a partir de admissões e exclusões, criando centros e

⁵¹ Texto original: “Translation is one of the most obvious forms of image making, of manipulation, that we have”.

periferias. A tradução também pode criar estereótipos para culturas estrangeiras, levando grupos étnicos, raciais ou nacionais específicos a serem respeitados ou estigmatizados (VENUTI, 2002, p. 130).

Partindo então dos pressupostos teóricos aqui apresentados, este artigo buscará compreender as imagens culturais criadas por meio da tradução, utilizando, para tanto, os romances *The Bluest Eye* (1970), da estadunidense Toni Morrison, lançado no Brasil com o título *O olho mais azul* em 2003, e *Ponciá Vicêncio* (2003), da brasileira Conceição Evaristo, publicado nos Estados Unidos em 2007, também recebendo como título o nome da protagonista, porém com uma diferença na acentuação, já que o sobrenome Vicêncio perdeu o seu acento circunflexo. É importante ficar claro, logo de início, que não pretendemos fazer uma comparação entre os romances de Morrison e Evaristo, já que temos consciência de que ambos foram produzidos em contextos muito distintos. O nosso objetivo é analisar como as autoras e as traduções de suas obras em questão foram recebidas e quais foram os seus possíveis impactos nos polissistemas de origem e de chegada, contribuindo, portanto, para a ampliação dos estudos sobre a recepção da literatura afrodescendente traduzida.

1. Toni Morrison e *The Bluest Eye* no polissistema literário estadunidense

Nascida em Lorain, Ohio, no ano de 1931, Morrison é considerada um dos maiores expoentes contemporâneos da literatura afro-americana, ou seja, da literatura referente aos estadunidenses de descendência africana, cujas origens remontam à segunda metade do século XVIII. De acordo com Henry Louis Gates, renomado intelectual afro-americano, essa vertente do polissistema literário em questão apresenta as seguintes peculiaridades: “[e]mbora os autores negros revisem muito certamente textos da tradição ocidental, eles procuram fazer isso frequentemente ‘de maneira autêntica’, ou seja, com uma diferença negra,

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 113
um senso persuasivo de diferença baseado no vernáculo negro” (GATES, 1988, p. 22)⁵².

Tais características são evidenciadas na produção de Morrison, que inclui diferentes gêneros: romances – *The Bluest Eye* (1970), *Sula* (1974), *Song of Solomon* (1977), *Tar Baby* (1981), *Beloved* (1987), *Jazz* (1992), *Paradise* (1998), *Love* (2003), *A Mercy* (2008) e *Home* (2012); literatura infantil – *The Big Box* (1999), *The Book of Mean People* (2002), *Who’s Got Game?* (2007), *Peeny Butter Fudge* (2009), *Little Cloud and Lady Wind* (2010) e *The Tortoise or the Hare* (2010); conto – *Recitatif* (1983); crítica literária – *Playing in the Dark: Essays on Whiteness and the Literary Imagination* (1992) e *What Moves at the Margin: Selected Nonfiction* (2008); e organização de coletâneas de artigos – *Race-ing Justice, Engendering Power: Essays on Anita Hill, Clarence Thomas, and the Construction of Social Reality* (1992), *Birth of a Nation’hood: Gaze, Script, and Spectacle in the O.J. Simpson Case* (1997) e *Burn This Book: PEN Writers Speak Out on the Power of the Word* (2009).

Com relação aos seus romances, eles apresentam uma forma peculiar de narrativa, a partir de técnicas de fluxo de consciência, múltiplas perspectivas e fragmentação. Os personagens são, em grande parte, negros e, através deles, Morrison revela as lutas individuais e coletivas dos afro-americanos para serem reconhecidos como membros de uma sociedade majoritariamente branca, utilizando, para isso, uma linguagem que engloba características relativas ao *African American English*, entre outros aspectos.

É importante ressaltar que, antes da década de 1970, a literatura afro-americana estava relegada à periferia do polissistema literário estadunidense, já que poucos autores ligados a esse contexto tinham espaço no mercado editorial (DICKSON-CARR, 2005, p. 1). Esse cenário começou a mudar gradativamente com o advento dos anos de 1970, época marcada por movimentos como a reivindicação dos direitos civis

⁵² Texto original: “Whereas Black writers most certainly revise texts in the Western tradition, they often seek to do so ‘authentically’, with a black difference, a compelling sense of difference based on the black vernacular”.

dos negros e o feminismo. Nesse período, escritoras negras como Maya Angelou, Nikki Giovanni e Toni Morrison buscaram trazer à luz discussões acerca das relações raciais em seu país, demonstrando, assim, como a literatura produzida por mulheres pode ir além de questões ligadas ao universo feminino. Logo, no campo da autobiografia, destaca-se *I Know Why the Caged Bird Sings* (1970), livro em que Angelou, ao se apresentar como uma adolescente de dezesseis anos, descreve como é ser mulher e negra no sul. No tocante à poesia, Giovanni publicou *Black Feeling*, *Black Talk*, *Black Judgement* no ano de 1971. Trata-se de um conjunto de poemas que desvela o ódio e a frustração sentidos pela comunidade negra ao ser discriminada por uma sociedade hegemônica, dominada por brancos. No que diz respeito aos romances, Toni Morrison lançou *The Bluest Eye* em 1970, contribuindo, juntamente com Angelou e Giovanni, para a ampliação da visibilidade da literatura afro-americana e, acima de tudo, abrindo caminhos para a produção literária de outros escritores vinculados a esse contexto.

Com o passar dos anos, Morrison passou a ganhar destaque não só em seu país, como também ao redor do mundo. Prova disso são os diversos prêmios recebidos por ela ao longo de sua carreira literária, entre os quais se destaca o Prêmio Nobel de Literatura em 1993, ano em que Morrison se tornou a primeira escritora negra a ser agraciada com a referida honra, além das traduções de suas obras para variadas línguas, tais como o árabe, o espanhol, o francês e o português, e dos comentários realizados pela crítica.

Na introdução a uma coletânea de artigos sobre Morrison, organizada por Harold Bloom, esse renomado crítico literário enaltece a postura engajada da autora no questionamento das tradições da ficção narrativa nos Estados Unidos: “[c]omo uma líder da cultura literária afro-americana, Morrison é particularmente enfática ao questionar caracterizações críticas as quais ela acredita que representem mal suas próprias lealdades, suas fidelidades políticas e sociais à complexa causa de seu povo” (BLOOM, 2005, p. 3)⁵³. Tais palavras de Bloom demonstram o

⁵³ Texto original: “Like any potentially strong novelist, battles against being subsumed by the traditions of narrative fiction. As a leader of African-American literary culture, Morrison is

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 115

empenho de Morrison em dar voz a uma parcela da população nacional historicamente silenciada e suprimida. Outros intelectuais enxergam na literatura de Morrison elementos que suplantam questões raciais. Thomas B. Hove, por exemplo, no livro *Postmodernism: The Key Figures* (2002), em que Morrison é vista como uma das maiores representantes do movimento pós-modernista, ao lado de nomes como Mikhail Bakhtin, Roland Barthes e Jean Baudrillard, faz esta observação:

As obras de ficção de Morrison repetidamente desafiam tradições culturais definidas por padrões patriarcais, assimilacionistas e totalizantes [...]. [Morrison] enfatiza a centralidade da linguagem não só como repositório de cultura, mas como o principal meio de interação social. (HOVE, 2002, p. 254-5)⁵⁴

Essa centralidade da linguagem pode ser claramente observada em *The Bluest Eye* a começar pelo título, já que o adjetivo “blue” se caracteriza por uma ambiguidade. Isso porque, além de se referir à cor azul, pode sugerir um sentimento de tristeza ou melancolia.

Nesse livro, a protagonista Pecola Breedlove é uma garota negra de onze anos de idade que vive no sul dos Estados Unidos na década de 1940. Ela alimenta um grande e impossível sonho: ter olhos azuis. Tal desejo está ligado ao fato de Pecola ser considerada uma menina feia e essa característica, somada à cor de sua pele, fazer com que ela seja segregada e humilhada. Vários são os momentos em que isso acontece. Na escola, é vítima de piadas e brincadeiras preconceituosas. No seio de sua família, é inferiorizada e estuprada pelo próprio pai.

particularly intense in resisting critical characterizations that she believes misrepresent her own loyalties, her social and political fealties to the complex cause of her people”.

⁵⁴ Texto original: “Morrison’s fictions repeatedly challenge cultural traditions defined by patriarchal, assimilationist and totalizing standards [...]. [Morrison] emphasizes the centrality of language not only as repository of culture but as the primary medium of social interaction”.

Embora *The Bluest Eye* seja considerada uma obra significativa no surgimento de uma fase de maior visibilidade da literatura afro-americana, ela foi pouco reconhecida pela crítica no período de sua publicação, sendo que suas observações geralmente se centravam no estilo da autora e no seu olhar para a vida dos negros. John Leonard, na edição de 3 de novembro de 1970, do jornal *The New York Times*, destaca as particularidades da escrita de Morrison: “uma prosa tão precisa, tão fiel à fala e tão carregada de dor e encantamento que o romance se torna poesia” (LEONARD, 1970, s.n.p.)⁵⁵. L. E. Sissman, por sua vez, ao opinar sobre a obra em questão no *The New Yorker*, enfatiza sua temática relativa aos negros: “[u]m olhar inovador e atento sobre as vidas de terror e decoro daqueles negros que querem progredir em um mundo pertencente ao homem branco... Um retrato emocionante e inquietante da juventude condenada da raça [da autora]” (SISSMAN, 1971, s.n.p.)⁵⁶.

Críticas como as de Sissman, que chegam a reforçar a ideia de que os afro-americanos estariam relegados a uma condição de inferioridade, causaram descontentamento a Morrison. Isso pode ser observado no posfácio escrito por ela e acrescentado à nova edição de *The Bluest Eye*, lançada em 1993: “[c]om pouquíssimas exceções, a publicação inicial de *O olho mais azul* foi como a vida de Pecola: desprezada, trivializada, mal interpretada” (MORRISON, 2003, p. 216). Posteriormente, quando Morrison já havia se tornado uma escritora renomada nacional e internacionalmente, houve alterações nos modos de recepção do romance nos Estados Unidos, haja vista a publicação de diferentes edições após 1993, o estudo da obra em diversas escolas estadunidenses e sua inserção no Clube do Livro da apresentadora Oprah Winfrey em 2000, entre outros fatores.

Dessa forma, no decorrer de sua trajetória profissional não só como escritora, mas também como editora, professora, escritora e palestrante, Morrison vem desestabilizando a hegemonia branca no

⁵⁵ Texto original: “a prose so precise, so faithful to speech and so charged with pain and wonder that the novel becomes poetry”.

⁵⁶ Texto original: “A fresh, close look at the lives of terror and decorum of those Negroes who want to get on in a white man's world...A touching and disturbing picture of the doomed youth of [the author's] race”.

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivêncio*, de Conceição Evaristo | 117

polissistema literário de seu país. Seu objetivo de trazer ao público o universo afro-americano com suas especificidades musicais, artísticas e linguísticas contribuiu de forma efetiva para que a história dos negros nos Estados Unidos, ao contrário do que ocorreu durante um longo período, não fosse esquecida. Muitos foram os desafios presentes na carreira de Morrison, tais como o fato de ela ser afro-americana e mulher, para que hoje a primeira escritora negra a receber o Prêmio Nobel de Literatura ocupe uma posição de destaque que não se restringe ao sistema literário afro-americano. Morrison conquistou seu espaço no cânone do polissistema literário estadunidense e, ao mesmo tempo, atingiu uma considerável popularidade, tendo seu trabalho reconhecido e promovido em diversos lugares do mundo.

2. Conceição Evaristo e *Ponciá Vicêncio* no polissistema literário brasileiro

Embora o polissistema de literatura afro-brasileira não seja tão reconhecido e consolidado como o de literatura afro-americana, o estudo de produções literárias que buscam dar voz a esse grupo historicamente excluído, questionando os relatos históricos oficiais, vem crescendo dia após dia. Nesse contexto, a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo vem ganhando espaço e reconhecimento, tendo a sua obra estudada em diversos trabalhos acadêmicos no Brasil e no exterior.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946, em uma família humilde, vivendo em uma favela na zona sul da capital mineira. Apesar de ter produções publicadas desde 1990, apenas recentemente Conceição Evaristo começou a ser reconhecida dentro e fora do Brasil. Evaristo publica constantemente na série *Cadernos Negros* – coletânea de poemas e contos que surgiu em 1978 e é hoje a principal antologia publicada regularmente com textos de autores afro-brasileiros, sendo um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra – e foi através da publicação de seus poemas e contos nessa série que a escritora começou a ser conhecida no sistema de literatura afro-brasileira.

Além de ter poemas, contos e trabalhos acadêmicos publicados, Evaristo é autora de dois romances – *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006) – tendo sido o primeiro traduzido para o inglês em 2007, e dos livros *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), que reúne uma série de poemas anteriormente publicados nos *Cadernos Negros* e que foi recentemente vertido para o inglês por Maria Aparecida Salgueiro e Antonio Tillis, porém, ainda no prelo, e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), uma coletânea de contos. Também é de grande relevância o blog lançado pela escritora em 30 de novembro de 2012 chamado “Nossa Escrivência”, hospedado em <http://nossaescrevencia.blogspot.com.br/>, onde podemos encontrar, além da tese de doutorado da escritora, informações sobre os livros já publicados por Evaristo, textos da escritora, entrevistas, depoimentos, vídeos, artigos publicados sobre sua obra e material sobre a literatura afro-brasileira de um modo mais amplo.

A obra literária de Conceição Evaristo narra, sob a ótica feminina e afro-descendente, problemas do cotidiano das mulheres negras e da pobreza, em formato repleto de poesia e cheio de referências culturais. Sua obra se projeta nos dias de hoje como reflexo identitário de um grupo até então excluído e questiona os cânones brasileiros, que tendem a priorizar a visibilidade de grupos pertencentes às supostas maiorias ou, ainda, à sociedade hegemônica, tida como padrão. Embora o polissistema de literatura afro-brasileira ainda seja muito questionado e até mesmo desconhecido para muitos,

[n]o Brasil, assim como nos Estados Unidos – consideradas as diferenças culturais – as mulheres afro-brasileiras vêm escrevendo e publicando de forma organizada há alguns anos, representando um grupo com traços próprios. No entanto, devido a características culturais nacionais específicas, embora boa parte de seu trabalho já tenha sido traduzido e se transformado em objeto de debate com agraciamento em alguns setores no exterior, no Brasil, um pleno reconhecimento de

Assim, diferenças culturais, ideológicas e fatores como o mito da democracia racial contribuíram consideravelmente para que o movimento negro no Brasil se desse de forma bastante diferente daquele nos Estados Unidos, sendo esse um movimento que vem ganhando seu espaço aqui décadas depois da consolidação do mesmo em terras estadunidenses, apenas na contemporaneidade. Do mesmo modo, o sistema de “literatura afro-brasileira no âmbito acadêmico brasileiro ainda tem se apresentado como território de polêmicas conceituais” (ALVES, 2010, p. 42), como aponta a escritora afro-brasileira Miriam Alves e, por isso, ainda não é um sistema com pleno reconhecimento e valor literário no polissistema brasileiro. Ainda assim, Conceição Evaristo vem conquistando cada dia mais reconhecimento, já tendo tido inclusive o seu romance *Ponciá Vivência* indicado como leitura obrigatória para vestibulares de grandes instituições como o CEFET/MG e a UFMG, apenas para citar algumas.

Assim, podemos dizer que a escritora Conceição Evaristo é uma autora conhecida na academia por pesquisadores que trabalham com literaturas da diáspora negra, porém ainda não é familiar ao público em geral, mesmo com a utilização de *Ponciá Vivência* em vestibulares, como mencionamos. Sua obra vem sendo muito estudada nos últimos anos, gerando um grande número de artigos, teses e dissertações, e consolidando o lugar ocupado pela escritora na academia e no sistema de literatura afro-brasileira. Porém, o prestígio no polissistema de literatura brasileira ainda não foi alcançado. Como aponta Eduardo de Assis Duarte em entrevista concedida a Valente em março de 2013,

Conceição, de todas as escritoras negras brasileiras, é a que mais visibilidade tem. Não estou dizendo que ela está sendo canonizada, não é isso, mas eu penso que ela conseguiu realmente furar um bloqueio muito forte. Sua obra não está publicada ainda por nenhuma grande editora, ela vem publicando em editoras menores, e vem

tendo muito sucesso apesar disso, e dos problemas com a divulgação e a distribuição de seus livros, problemas característicos de editoras pequenas que não têm capital para investir na divulgação, propaganda, distribuição, coisas desse tipo.

Mesmo assim, Evaristo vem conseguindo ampliar o seu círculo de leitores dia após dia e o interesse da academia em suas produções tem se mostrado crescente. Em troca de e-mails com Valente, a editora Mazza afirma que até o final de 2013 *Ponciá Vicêncio* vendeu cerca de 16 mil exemplares no Brasil, tendo duas edições.

Além dos diversos estudos que vêm sendo realizados a seu respeito, Evaristo também tem publicado vários artigos sobre questões de gênero e raça em periódicos respeitados na academia, além de suas constantes palestras e participações em eventos aqui e no exterior, nos quais Evaristo busca evidenciar sua escrita marcada pela condição de mulher e negra. Em sua palestra “Poética da dissonância: vivência e escrita de mulheres negras brasileiras”, apresentada na universidade de Brown em 2012, Evaristo, logo de início, faz questão de evidenciar o seu lugar de enunciação: “[g]ostaria também de afirmar que toda a minha produção, tanto literária como a produção crítica, é extremamente marcada, atravessada, pela minha posição de mulher negra na sociedade brasileira”. Assim, podemos afirmar que, se por um lado, a obra de Evaristo não é muito conhecida dentro do polissistema de literatura brasileira, em contrapartida, ela já é uma autora consagrada entre os escritores que compartilham uma identidade literária afro-brasileira e que integram um sistema literário afro-brasileiro ainda em fase de consolidação.

3. Morrison e Evaristo nos contextos de recepção via tradução

Ao longo dos anos, pode ser observada uma crescente visibilidade de Morrison no polissistema literário brasileiro. Até o momento foram publicadas as traduções dos seguintes romances para o português do Brasil: *The Bluest Eye* (*O olho mais azul*, 2003); *Song of Solomon* (*A canção de Solomon*, 1977); *Tar Baby* (*Pérola negra*, 1981); *Beloved* (*Amada*, 1989/1993/2007/2011); *Jazz* (*Jazz*, 1992/2009); *Paradise*

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 121
(*Paraíso*, 1998); *Love (Amor)*, 2005); *A Mercy (Compaixão)*, 2009) – entre as quais apenas a de *Sula* ainda não foi realizada. Sua obra *Who's Got Game* (2007), vinculada à literatura infantil, também foi traduzida no Brasil, com o título de *Quem leva a melhor?* (2008).

Especificamente com relação ao romance *O olho mais azul*, tradução feita por Manuel Paulo Ferreira e publicada pela editora Companhia das Letras, no âmbito da coleção Prêmio Nobel, ele chegou às livrarias do Brasil vinte e três anos depois de seu lançamento no polissistema literário estadunidense. Segundo Toury (1995), “não há como uma tradução ocupar o mesmo lugar sistêmico de seu original; nem mesmo quando os dois estão fisicamente presentes lado a lado” (TOURY, 1995, p. 26)⁵⁷. Dessa forma, ao apresentar uma linguagem que remete constantemente à variedade padrão, embora em seu posfácio o tradutor afirme que procurou “manter o tom ‘oral, sonoro e coloquial’, sobretudo nos diálogos” (MORRISON, 2003, p. 216), *O olho mais azul* exerce a função de conservar uma estética literária tradicional, a partir de escolhas tradutórias predominantemente domesticadoras. Além disso, Morrison é apresentada como uma escritora que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1993. Tais fatores sugerem, entre outros aspectos, uma busca pela invisibilidade de elementos relativos à cultura negra estadunidense, especialmente no que diz respeito ao *African American English*. Isso acaba reforçando o silenciamento também imposto aos afro-brasileiros, barreira que aos poucos tem sido rompida pelo trabalho de escritores como Cuti, Miriam Alves e Conceição Evaristo, conforme podemos observar ao longo deste artigo.

Quanto à recepção de *O olho mais azul* no polissistema literário brasileiro, poucos comentários de leitores puderam ser encontrados. No site da editora Companhia das Letras, há apenas a opinião da leitora Lilian Cibelle: “Não é um livro apenas. É uma obra de arte. Magnífico!”. Essa visão se contrapõe à seguinte afirmação do leitor Marcos, disponível

⁵⁷ Texto original: “There is no way a translation could share the same systemic space with its original; not even when the two are physically present side by side”.

no *site* da Livraria Cultura: “O tema do livro é interessante abordando o preconceito, mas a forma como a autora escreve deixou o enredo confuso e entediante, a narrativa não prende a atenção, fica uma coisa solta e sem sentido, sem conexão. Esperava bem mais deste livro”. Nesse caso, é importante ressaltar que a forma de escrita da autora está relacionada às escolhas tradutórias presentes na edição em português brasileiro. No âmbito acadêmico, Salgueiro se posiciona acerca do romance ao declarar, no artigo “A mediação de culturas nas traduções de obras de escritoras de origem afro” (2006), que “apesar da preocupação do tradutor muito do potencial cultural e poético do título se perdeu” (SALGUEIRO, 2006, p. 173).

O fato de as obras de Morrison terem sido traduzidas no Brasil no decorrer dos anos levou a autora a ser convidada para visitar o nosso país em pelo menos duas diferentes ocasiões. Uma delas ocorreu na década de 1990 e acabou reunindo Morrison a um grupo de escritores afro-brasileiros, incluindo Cuti, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves, a qual comenta sobre o encontro em entrevista concedida à revista *Geni*, em 2013:

Quando vem a negra estrangeira, a Toni Morrison, ela vai aos jornais, vai aos coquetéis e vai não sei mais aonde, até que chega uma santa hora em que Toni Morrison pergunta se não tem negro escritor no Brasil. O que acontece? A editora ligou para a [atriz e militante] Thereza Santos, que, dentro da Secretaria da Cultura de São Paulo, realizou três perfis de literatura negra, três encontros internacionais grandes. E, a pedido da Toni Morrison, a editora entrou em contato com a gente.

Esse depoimento de Alves reforça a visibilidade de Morrison no Brasil como uma escritora estadunidense que ganhou o Prêmio Nobel de literatura em contraposição à invisibilidade do trabalho de autores afro-brasileiros.

Alguns anos mais tarde, em 2006, Morrison foi um dos nomes de destaque na Feira Literária Internacional de Paraty. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, na seção “Ilustrada”, trouxe uma matéria intitulada “Toni Morrison faz a palestra mais concorrida do dia” (2006), na qual está presente a informação de que a escritora “é a campeã de audiência na Flip até o momento. Segundo a organização do evento, ela lotou ontem à noite a Tenda dos Autores, auditório que teve 740 lugares ocupados (40 além da lotação normal)”. Já no artigo “Em Paraty, o Fashion Week das Letras” (2008), publicado na Revista *Época*, o autor Rafael Pereira destaca a presença da “romancista americana” e “Nobel de Literatura” no evento literário em questão, sem fazer referência a aspectos raciais e de gênero.

No contexto acadêmico, há um considerável número de pesquisadores interessados na literatura de Morrison, o que contribui para a consolidação de sua presença no polissistema literário brasileiro. Em pesquisa realizada em 2013 no banco de teses do portal da Capes, foram encontradas trinta e três dissertações e teses de 1992 a 2011 sobre a produção literária da escritora. Entre elas se encontram as de autoria de Clélia Reis Geha - [Um olhar feminista em busca de Sula e Da canção de Solomon](#) (UFPE - 1999); [Danielle de Luna e Silva - Representações de gênero e etnia em Amada, de Toni Morrison, e Ninguém para me acompanhar, de Nadine Gordimer](#) (UnB - 2007); [Mirna Leisi Coelho Lopes - À margem em The Bluest Eye, de Toni Morrison: negritude, identidade e crítica social](#) (UFSM - 2009) e Clara Alencar Villaça Pimentel - “*Eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho*”: diálogos diaspóricos entre *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e *Beloved*, de Toni Morrison (UFJF - 2011).

Na maioria dos trabalhos sobre Morrison no Brasil, há uma recorrência de discussões em torno de assuntos como gênero, raça e diáspora. No tocante à temática da tradução, pôde ser encontrada apenas a dissertação de mestrado *Tradução e Estudos Culturais: estudo da tradução brasileira de The Bluest Eye, de Toni Morrison*, de [Lucília Teodora Villela Leitgeb](#) (UEMS - 2006), cujo foco se detém em uma abordagem prescritiva dos aspectos linguísticos da obra citada. Dessa forma, tornam-se relevantes estudos mais abrangentes, que focalizem questões de poder

na tradução literária, as quais estão diretamente relacionadas às obras que serão traduzidas em determinado polissistema literário, bem como às estratégias tradutórias que serão utilizadas.

No que diz respeito à escritora brasileira Conceição Evaristo, ela vem conquistando cada dia mais leitores no polissistema literário estadunidense. Ao mesmo tempo, o interesse pela tradução de sua obra vem crescendo paulatinamente nos Estados Unidos, embora esse seja um país bastante resistente à literatura estrangeira. Ao ter sua obra traduzida para o inglês e estudada nos Estados Unidos, Evaristo acaba sendo apresentada no contexto de recepção como uma autora altamente engajada no movimento negro, tal como as afro-americanas são. Isso acontece porque, ao chegar ao polissistema receptor, a obra traduzida é vista sob uma nova perspectiva, partindo de outros pressupostos e com um olhar muito influenciado por questões da cultura de recepção. Segundo Salgueiro, em entrevista concedida a Valente em 2013,

Lá [nos Estados Unidos] há uma grande preocupação em focar, em visualizar, em compreender, a diáspora negra ao longo de diferentes países do atlântico, e aqui eu cito como fonte de referência especial a obra de Paul Gilroy. Eles buscam compreender as diferentes visões que essa diáspora negra ao longo do Atlântico apresenta de si própria.

Com isso, obras produzidas por escritores pertencentes a essa diáspora em outros países acabam recebendo especial interesse.

Nos Estados Unidos, Evaristo tem aparecido em muitas publicações sobre diáspora, estudos de gênero e etnia. Isso porque, como aponta Stephen M. Hart, professor da University College London – UCL e responsável pelo departamento de estudos hispânicos e latino-americanos dessa universidade, Conceição Evaristo vem sendo vista como “uma das mais importantes escritoras afro-brasileiras contemporâneas” (HART, 2007, p. 279). Algumas antologias e coletâneas de artigos recentes onde encontramos a obra de Evaristo como objeto de estudo são:

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 125

Fourteen Female Voices from Brazil: Interviews and Works, coletânea organizada por Elzbieta Szoka (2002) e lançada pela Host, mesma editora que publicou a tradução de *Ponciá*. Nesse livro, há um capítulo sobre a obra de Evaristo rico em dados biográficos e o conto “Ana Davenga”, de sua autoria, traduzido para o inglês. Outra publicação muito relevante é o capítulo escrito pela reconhecida pesquisadora afro-americana Carole Boyce Davies intitulado “Women and Literature in African Diaspora”, como parte da *Encyclopedia of Diasporas, Immigrant and Refugee Cultures Around the World*, organizada por Melvin Ember, Carol Ember e Ian Skoggard, da Yale University (2005). Davies, crítica e teórica dos estudos da diáspora africana, vem trabalhando há alguns anos com a literatura afro-latino-americana, dando atenção especial à literatura afro-brasileira. Em suas produções mais recentes, a estudiosa fala sobre a obra de Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro e atenta para a importância dessas produções comprometidas provenientes das escritoras da diáspora. Outra produção de Davies em que Evaristo recebe atenção é *Moving Beyond Boundaries: International Dimensions of Black Women’s Writing*, publicada em 1995.

Conceição Evaristo também vem sendo tema de teses de doutorado nos Estados Unidos, tanto de estudantes brasileiros que levam as suas pesquisas para universidades estadunidenses, como de estudantes estadunidenses interessados na produção de escritoras afro-descendentes na América latina. Alguns estudos recentes desenvolvidos nos Estados Unidos são a tese de doutorado de Sarah Soarina Ohmer, intitulada *Remembering Trauma in the Flesh: Literary and performative representations of race and gender in the Americas*, defendida em 2012, na Universidade de Pittsburgh, onde a pesquisadora estadunidense trabalha com os traumas causados pela escravidão, pela discriminação e marginalização social em diferentes gerações de mulheres de cor, analisando, de forma comparativa, *Beloved* de Toni Morrison, *Ponciá Vivencio* de Conceição Evaristo, e *I, Tituba, Black Witch of Salem* de Maryse Condé; e a tese de Flávia Santos de Araújo, que está sendo desenvolvida na Universidade de Massachusetts Amherst, com o título *The Diasporic Black Female Body in Contemporary Afro-Brazilian and African American Literary Representations*.

Além de diversas pesquisas e publicações a seu respeito por pesquisadores renomados nos estudos afro-americanos/latino-americanos/afro-brasileiros, como Boyce Davies e Hart, Evaristo tem sido convidada para diversos eventos nos Estados Unidos, e sua obra tem sido utilizada até mesmo em cursos de pós-graduação em universidades estadunidenses, como o Dartmouth College. No *site* da Universidade do Tennessee, ao falar sobre o lançamento de *Ponciá Vicêncio* em inglês em 2007, Evaristo já é apontada como uma líder afro-brasileira:

Maria da Conceição Evaristo é escritora líder afro-brasileira e colabora com a ONG Criola, primeira ONG de mulheres negras no Rio de Janeiro. Professora por profissão, sua militância é mais evidente em associações comunitárias, orientações, ensino e publicações. Está trabalhando em seu Doutorado em Literatura Comparada da Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro e está nos Estados Unidos como convidada da Host Publications para lançar a versão em inglês do seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*.

Além da recepção crítica de *Ponciá Vicêncio*, também cabe tecermos alguns breves comentários sobre a recepção geral do romance. Durante nossa pesquisa de doutorado (2010–2013), pouco foi encontrado na mídia impressa e/ou eletrônica sobre *Ponciá Vicêncio* no contexto estadunidense fora da academia. Porém, mais recentemente, surgiram algumas resenhas do romance em alguns *sites*, o que mostra que a obra vem alcançando leitores, mesmo que poucos, fora da academia também. É bastante relevante falarmos sobre essas resenhas que aparecem na internet, já que *sites* como *Amazon*, *Good Reads*, *MyShelf*, dentre outros – onde é possível postar resenhas de livros lidos e onde, algumas vezes, há leitores especializados escolhidos para postarem resenhas – acabam funcionando como formadores de opinião.

No caso de Evaristo, o leitor que buscar referências na *web* sobre o romance *Ponciá Vicêncio* encontrará em inglês uma avaliação bastante

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 127
positiva. No site *Good Reads* a obra recebeu 18 avaliações e, de cinco estrelas possíveis, foi avaliada com quatro estrelas, o que mostra uma recepção positiva por parte dos leitores.

No site *Myshelf* há uma resenha profissional escrita por Laura Strathman Hulka, da Califórnia, onde a resenhista diz que *Ponciá* é “um fascinante romance de estreia da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo” (HULKA, 2007)⁵⁸. Hulka acrescenta ainda que Evaristo oferece um olhar admirável sobre o negro latino-americano, escrevendo de forma bela e despojada. Por fim, a resenhista afirma que “a tradutora, Paloma Martinez-Cruz, fez um trabalho notável dando ao leitor ocidental o sabor e o significado da obra original, sem tornar o livro muito estranho ou difícil de ler” (HULKA, 2007)⁵⁹, o que mostra uma avaliação positiva não apenas do romance de Evaristo, mas também da tradução de Martinez-Cruz.

Por fim, um site bastante importante na formação de opinião de leitores é o da livraria virtual *Amazon*. No site da *Amazon*, além de ser possível comprar a tradução de *Ponciá Vicêncio*, até o momento em que encerramos a presente pesquisa, em 01 de setembro de 2013, encontramos disponíveis uma descrição do livro, a apresentação da autora, uma resenha editorial e uma resenha de um cliente leitor, que inclui uma avaliação que vai de zero a cinco estrelas. No caso da avaliação, o livro foi avaliado por apenas uma pessoa e recebeu as cinco estrelas possíveis. A leitora que avaliou o romance escreveu que amou o livro e que a leitura foi muito interessante. “[*Ponciá*] é, agora, um dos meus livros favoritos. Essa foi a primeira vez que li um romance de alguém que não é nascido nos Estados Unidos”. A resenha editorial apresentada é da famosa revista de resenhas *Rain Taxi*, que publica uma edição impressa com suas resenhas a cada quarto meses, além de disponibilizar conteúdo *online*. Na apresentação da autora, encontramos o mesmo texto que está disponível na orelha da tradução de *Ponciá*, escrito pela editora Host, e a

⁵⁸ Texto original: “A fascinating debut novel by Afro-Brazilian writer Conceicao Evaristo”.

⁵⁹ Texto original: “The translator, Paloma Martinez-Cruz has done a remarkable job of giving the Western reader the flavor and meaning of the original work, without making the book too awkward or difficult to read”.

descrição do livro apresentada na *Amazon* também é proveniente da própria edição estadunidense, estando na contracapa da tradução.

Com base nos dados apresentados e nas articulações efetuadas até o presente momento, podemos dizer que a escritora Conceição Evaristo é ainda pouco conhecida nos Estados Unidos, porém vem ganhando visibilidade e reconhecimento nos estudos de gênero, etnia e diáspora. Sua obra tem sido objeto de estudo de pesquisadores que trabalham com literatura afro-americana, afro-brasileira e latino-americana, e ela tem sido apresentada por esses pesquisadores como uma escritora ativista que luta contra preconceitos raciais e de gênero através de sua produção literária. No que diz respeito à recepção pelo público em geral, embora o romance ainda seja pouco lido, constatamos que a acolhida vem sendo bastante positiva entre os leitores. A editora Host nos informou por e-mail que até o final de 2013 *Ponciá Vicencio* teve duas impressões nos Estados Unidos, já que a primeira impressão foi esgotada rapidamente, e vendeu ao todo 1.500 exemplares, o que é um número considerável em um polissistema que tende a rejeitar literatura estrangeira e literatura traduzida.

Embora seja notável o esforço de Evaristo, assim como o dos escritores afro-descendentes de um modo mais amplo, o do movimento negro no Brasil e dos pesquisadores da área, para que a literatura afro-brasileira alcance visibilidade e reconhecimento de mérito, assim como, eventualmente, opere como instrumento de revolução e questionamentos, como acontece nos Estados Unidos, argumentamos ao longo deste trabalho que tal movimento ainda é bastante recente no Brasil e, portanto, acontece de forma consideravelmente diferente nesse contexto. Percebemos que nos Estados Unidos a produção de Conceição Evaristo e também de outras escritoras afro-brasileiras vem sendo analisada à luz do legado da literatura afro-americana. Isso porque, como aponta a própria escritora Conceição Evaristo (2013), a descoberta da existência dessa literatura nos Estados Unidos se dá por pesquisadores das literaturas da diáspora negra, geralmente ligados aos departamentos de estudos africanos e afro-americanos. Desta maneira, o lugar ocupado por

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivêncio*, de Conceição Evaristo | 129
Conceição Evaristo e *Ponciá Vicêncio* nos contextos de origem e recepção da tradução se mostram consideravelmente diferentes.

4. Considerações finais

A seleção de *The Bluest Eye* para ser traduzido no contexto brasileiro, mesmo que muitos anos após sua publicação nos Estados Unidos, revela a abertura do polissistema literário nacional para produções de uma escritora mulher, negra e que faz da linguagem um instrumento para marcar a diferença do discurso afro-americano. Todavia, como pano de fundo desse cenário, existem questões econômicas, mercadológicas, culturais, sociais e históricas determinantes para o lugar sistêmico ocupado por Morrison e *O olho mais azul*, bem como para construção das imagens da autora e de seu romance no polo receptor em análise.

Dessa forma, há uma ênfase no fato de a escritora ter sido agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura, bem como a utilização de uma linguagem neutra, com momentos de informalidade, que não causa qualquer impacto ao leitor brasileiro, mesmo que esse impacto seja provocado por meio do emprego de formas que desafiem o português padrão. Tal configuração aponta para um determinado conservadorismo por parte da tradução, delineada segundo as normas previamente estabelecidas pelo polo receptor.

As imagens de Morrison e de sua obra no contexto nacional via tradução parecem se distanciar daquelas relativas ao polissistema literário de origem: Morrison não é apresentada como uma das maiores representantes da literatura afro-americana contemporânea, bem como *O olho mais azul* não evidencia recursos linguísticos que, de alguma forma, façam alusão a uma característica relevante na cultura afro-americana. É importante ressaltar, novamente, que isso não significa uma deformidade. Trata-se, apenas, da representação de uma autora e de sua produção que esteja de acordo com valores dominantes no contexto de recepção em dado momento histórico e que atenda a determinados interesses domésticos.

No que diz respeito a Evaristo, mais uma vez confirmando a afirmação de Gideon Toury de que a tradução não pode ocupar o mesmo lugar sistêmico de seu original (TOURY, 1995, p. 26), fica claro que a escritora também ocupa diferentes lugares sistêmicos se compararmos as imagens construídas nos polissistemas brasileiro e estadunidense. Através dos metatextos selecionados e das articulações propostas no presente artigo, percebemos que a imagem da autora aqui no Brasil vem, pouco a pouco, sendo modificada através do tempo por influência de diversos fatores, entre eles, a repercussão da sua imagem no polissistema de literatura estadunidense, embora essa repercussão ainda seja bastante pequena, e o crescimento do movimento negro no Brasil.

Em linhas gerais, Conceição Evaristo tem sido apresentada no Brasil como uma escritora que defende a valorização da cultura africana/afro-descendente através de sua *escrivivência* de mulher negra, buscando dar voz às mulheres afro-descendentes há muito ignoradas por nossa sociedade. Já no contexto estadunidense, sua obra é vista como uma espécie de luta em prol das questões sociais, raciais e de gênero, parte de um contundente movimento negro, assim como acontece com as obras de escritoras afro-americanas. Isso porque, como afirma a própria escritora Conceição Evaristo em entrevista a Valente em maio de 2013, “[o] estudo da autoria negra americana acaba por suscitar, nas pesquisadoras, a pergunta se no Brasil não haveria algo semelhante”, e isso as leva a buscar características comuns entre a literatura produzida em ambos os países em questão.

Portanto, independentemente das questões de patronagem que orientam os projetos tradutórios relativos às obras de Morrison e Evaristo, o acesso de um público leitor mais amplo à literatura produzida por elas revela uma busca pela visibilidade de grupos historicamente relegados a uma posição marginal, como os afro-americanos e afro-brasileiros. Com isso, abre-se a possibilidade para que suas histórias, por muito tempo encobertas, venham a ser conhecidas internacionalmente, questionando valores hegemônicos e desestabilizando os polissistemas literários dos quais fazem parte.

Referências Bibliográficas

ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. Entrevista: um poema com muita pele. *Revista Geni*, n. 5, nov. 2013. Disponível em: <<http://revistageni.org/11/um-poema-com-muita-pele/>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

AMADA: LIVRARIA CULTURA. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=3107276>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

AMADA: COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11431>
<<http://revistageni.org/11/um-poema-com-muita-pele/>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

AMAZON. Disponível em: <http://www.amazon.com/Poncia-Vivencio-Conceicao-Evaristo/productreviews/0924047348/ref=cm_cr_dp_see_all_btm?ie=UTF8&showViewpoints=1&sortBy=bySubmissionDateDescending>. Acesso em 01 set. 2013.

ANGELOU, Maya. *I Know Why the Caged Bird Sings*. New York: Random House, 1970.

BANCO DE TESES DA CAPES. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do;jsessionid=6B7EF41D0E2BC7547823C94BB7635164?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=t+oni+morrison&tipoPesqAssunto=T&ies=&tipoPesqIes=T&nivel=&anoBase=>>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

BLOOM, Harold. Introduction. In: BLOOM, Harold. *Modern Critical Views: Toni Morrison*. New York: Chelsea House, 2005. p. 1-5.

DAVIES, Carole Boyce. *Moving Beyond Boundaries: International Dimensions of Black Women's Writing*. London: Pluto-press, 1995.

_____. Women and Literature in African Diaspora. In: EMBER, Melvin et al (Orgs.) *Encyclopedia of Diasporas, Immigrant and Refugee Cultures around the World*. New York: Springer, 2005.

DICKSON-CARR, Darryl. *The Columbia Guide to Contemporary African American Fiction*. New York: Columbia University Press, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. *Ponciá Vicêncio*. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Tradução de Paloma Martinez-Cruz. Texas: Host-Publications, 2007.

_____. Poética da dissonância: vivência e escrita de mulheres negras brasileiras. Palestra apresentada na universidade de Brown em 2012. Disponível em: <http://vimeo.com/54322727> . Acesso em: 08 ago. 2013.

_____. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. *Nossa escrevivência*. Hospedado em <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vicencio*, de Conceição Evaristo | 133
EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature in the Literary Polysystem. *Poetics Today*, v. 1, n. 1, 1997. p. 45-51.

GATES, Henry L. *The Signifying Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

GEHA, Clélia Reis. *Um olhar feminista em busca de Sula e Da canção de Solomon*. 1999. 163p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Departamento de Letras. Universidade Federal de Pernambuco.

GIOVANNI, Nikki. *Black Feeling, Black Talk, Black Judgement*. New York: Harper, 1971.

GOOD READS. Disponível em:
<http://www.goodreads.com/book/show/1947209.Poncia_Vicencio#other_reviews>. Acesso em: 01 set. 2013.

HART, Stephen. *A Companion to Latin American Literature*. New York: Boydell & Brewer, 2007.

HOVE, Thomas B. Toni Morrison. In: BERTENS, Johannes Willem; NATOLI, P. Joseph (Orgs.) *Postmodernism: The Key Figures*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. p. 254-259.

HULKA, Laura Strathman. Resenha profissional de Ponciá Vicencio em inglês. *Myshelf*, 2007. Disponível em:
<<http://www.myshelf.com/literary/07/ponciavincencio.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

LEFEVERE, André. Translation: Its Genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (Orgs.) *Translation, History and Culture*. London: Pinter Publishers, 1990. p. 14-28.

LEITGEB, Lucília Teodora Villela. *Tradução e Estudos Culturais: estudo da tradução brasileira de The Bluest Eye, de Toni Morrison*. Dissertação (Mestrado em Letras). 2006. 131p. Departamento de Letras. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

LEONARD, John. Books of the Times. *The New York Times*, 13 nov 1970. Disponível em: http://www.nytimes.com/books/98/01/11/home/morrison-bluest.html?_r=1. Acesso em: 20 jun. 2014.

LOPES, Mirna Leisi Coelho. *À margem em The Bluest Eye, de Toni Morrison: negritude, identidade e crítica social*. 2009. 113p. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras. Universidade Federal de Santa Maria.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *The Bluest Eye*. New York: Plume, 1970.

_____. *Sula*. New York: Knopf, 1974.

_____. *Song of Solomon*. New York: Vintage, 1977.

_____. *Tar Baby*. New York: Vintage, 1981.

_____. *Beloved*. New York: Vintage Books, 2004.

_____. *Jazz*. New York: Knopf, 1992.

_____. *Paradise*. New York: Knopf, 1998.

_____. *Love*. New York: Knopf, 2003.

_____. *A Mercy*. New York: Knopf, 2008.

_____. *Home*. New York: Knopf, 2012.

_____. *The Big Box*. New York: Hyperion, 1999.

_____. *The Book of Mean People*. New York: Hyperion, 2002.

_____. *Who's Got Game?* New York: Scribner, 2007.

_____. *Peeny Butter Fudge*. New York: Simon & Schuster, 2009.

_____. *Little Cloud and Lady Wind*. New York: Simon & Schuster, 2010.

_____. *The Tortoise or the Hare*. New York: Simon & Schuster, 2010.

_____. Recitativ. In: BARAKA, Imamu Amiri; BARAKA, Amina (Orgs.) *Confirmation: An Anthology of African American Women*. New York: William Morrow, 1983. p. 243-261.

_____. *Playing in the Dark: Essays on Whiteness and the Literary Imagination*. New York: Random House, 1992.

_____. *What Moves at the Margin: Selected Nonfiction*. Jackson: University Press of Mississippi, 2008.

MORRISON, Toni. (Org.) *Race-ing Justice, En-gendering Power: Essays on Anita Hill, Clarence Thomas, and the Construction of Social Reality*. New York: Pantheon, 1992.

MORRISON, Toni (Org.) *Birth of a Nation'hood: Gaze, Script, and Spectacle in the O.J. Simpson Case*. New York: Pantheon, 1997.

_____. (Org.) *Burn This Book: PEN Writers Speak Out on the Power of the Word*. New York: Harper, 2009.

_____. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, 1989.

_____. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Círculo do Livro, 1993.

_____. *Amada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Amada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A canção de Solomon*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, 1977.

_____. *Pérola negra*. Tradução de Augusto Meyer Filho. São Paulo: Best Seller, 1981.

_____. *Jazz*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, 1992.

_____. *Jazz*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Paraíso*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Amor*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison, e *Ponciá Vivencio*, de Conceição Evaristo | 137
_____. *Compaixão*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Quem leva a melhor?* Trad André Conti. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OHMER, Sarah Soarina. *Re-Membering Trauma in the Flesh: Literary and performative representations of race and gender in the Americas*. 2012. 366p. Tese de doutorado (Graduate School of Arts and Sciences), Universidade de Pittsburgh, Pittsburgh.

PEREIRA, Rafael. Em Paraty, o Fashion Week das Letras. 27 jun. 2008. Disponível em:
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI6940-15220,00-EM+PARATY+O+FASHION+WEEK+DAS+LETRAS.html>>. Acesso em: 4 mar. 2013.

PIMENTEL, Clara Alencar Villaça. *Eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho*": diálogos diaspóricos entre *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e *Beloved*, de Toni Morrison. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. A mediação de culturas nas traduções de obras de escritoras de origem afro. In: CAVALCANTI, Ildney. *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: Edufal, 2006. p. 167-175.

_____. Diálogos com a cultura afro-brasileira. In: *Anais do colóquio dos 30 Anos da Secção Luso-Brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia*, 2008, Varsóvia – Polônia. p. 143-152.

SILVA, Danielle de Luna e. *Representações de gênero e etnia em Amada, de Toni Morrison, e Ninguém para me acompanhar, de Nadine Gordimer*. 2007. 127p. Dissertação (Mestrado em Literatura). Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília.

SISSMAN, L. E. Books. *The New Yorker*, 23 jan. 1971. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/1971/01/23/1971_01_23_092_T_NY_CARDS_000094393>. Acesso em: 24 jun. 2014.

SZOKA, Elzbieta (Org.) *Fourteen Female voices from Brazil*. Austin, Texas: Host Publications, 2002.

TONI MORRISON FAZ A PALESTRA MAIS CONCORRIDA DO DIA. 12 ago. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1208200627.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2013.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

UNIVERSIDADE DO TENNESSEE, 2007. Disponível em: <<http://www.lib.utk.edu/outreach/enews/nov2007/brazil-writers.html>>. Acesso em: 18 set. 2010.

VALENTE, Marcela Iochem. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês*. 2013. 163p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

VENUTI, Lawrence. A formação de identidades culturais. In: _____. *Escândalos da Tradução. Por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167.